

Uso dos instrumentos musicais na Liturgia

Pe Jair Costa

Em nossas comunidades constatamos o uso dos mais diversos instrumentos musicais durante as celebrações. Em muitas se utiliza violão, guitarra, teclado, baixo e bateria; poucas possuem órgão, em algumas se utiliza também flauta, percussão, violino ou outros instrumentos. E por vezes o povo que celebra questiona sobre quais instrumentos podem ser utilizados, e como podem ser utilizados. O Concílio Vat II abriu a possibilidade do uso de instrumentos musicais na liturgia, segundo o parecer e com o consentimento da autoridade territorial competente, contanto que esses instrumentos estejam adaptados ou sejam adaptáveis ao uso sacro, não desdiguem da dignidade do templo e favoreçam realmente a edificação dos fiéis. (SC 120) Portanto, a questão não está em usar ou não instrumentos musicais na liturgia. A questão é a adequada interpretação de quem os executa. Mas para esclarecer o uso dos instrumentos, antes queremos falar dos que os utilizam, os músicos.

Em muitos casos acontece um desequilíbrio na relação dos músicos com a assembleia, entre celebrar e assistir, entre participar e apresentar. A participação acontece como realizar um serviço, ou assistir o serviço de outros. Há muitos microfones, volume alto, canto e música desconectados do rito e da assembleia. Entre os músicos, há pessoas que foram convidados somente para executar músicas e “tocar na missa”, mas não participam de fato na comunidade ou na equipe de celebração. Seus grupos apresentam-se como ministérios de música ou bandas, poucos se identificam como animadores do canto da assembleia. Esta diferença de nomes não é inocente: ser ministro de música muitas vezes é compreendido como quem exerce uma função “para” a assembleia e não se considera “parte” dela. Há um grande perigo de transformar a celebração em um show.

Fazer parte da assembleia é integrar-se no primeiro serviço, a primeira liturgia que Deus realizou para nós, na redenção realizada por Cristo. Na liturgia “o discípulo realiza o mais íntimo encontro com seu Senhor e dela recebe a motivação e a força máximas para a sua missão na Igreja e no mundo” (Diretrizes Gerais 2008-2010, nº 67). Todos somos chamados a nos tornar “raça eleita, sacerdócio régio, nação santa, povo adquirido por Deus, para proclamar as obras maravilhosas daquele que chamou vocês das trevas para a sua luz maravilhosa.” (1 Pd 2, 9). Participar, tomar parte, é integrar-se no seu Corpo que é a comunidade dos fiéis, para partilhar a vida de cada dia onde o Verbo se encarna, ouvir a sua Palavra que transforma, receber o seu Espírito que nos torna suas testemunhas e o seu Corpo que alimenta nossa comunhão. É tornar-se parte da missão de Cristo, vivendo o compromisso com seu Reino. E quem assim participa, canta o canto novo, como diz Sto. Agostinho: “É, pois, pelo canto novo que devemos reconhecer o que é a vida nova. Tudo isso pertence ao mesmo Reino: o homem novo, o canto novo, a aliança nova”. O canto novo é a expressão da comunidade que busca o Reino de Deus, a comunhão com Cristo no serviço aos irmãos. Agostinho continua: “Ouvi-me, ou melhor, ouvi através do meu convite: *Cantai ao Senhor Deus um canto novo*. Já estou cantando, respondes. Tu cantas, cantas bem, estou escutando. Mas oxalá a tua vida não dê testemunho contra tuas palavras” (Sermão 34). Nos diz o salmista: “Quem me oferece um sacrifício de louvor, este sim é que me honra de verdade. A todo homem que procede retamente, eu mostrarei a salvação que vem de Deus” Sl 50(49), 23. O “sacrifício de louvor” que Deus pede é o nosso testemunho na vida da comunidade, nossa perseverança no caminho do seu Reino, na caridade fraterna e na busca da justiça, é criar condições para que o seu Reino aconteça.

O diálogo com os músicos, para ser frutuoso, acontece dentro da equipe de celebração, juntamente da comunidade que celebra. Não é possível conceber este serviço desconectado da pastoral litúrgica. Ao contrário, os animadores do canto precisam fazer parte dela. As Instruções Musicam Sacram e Inter Oecumenici, ao falar do local dos cantores, definem também sua participação: “A própria colocação do coro (lugar dos cantores) deve mostrar a sua real natureza e função. Este grupo, especializado ou não, nada mais é do que uma porção da assembleia dos fiéis em cujo nome desempenha um papel litúrgico particular. Seu melhor lugar é próximo à assembleia, não de costas para ela, voltado para o altar, à direita ou à esquerda, em lugar visível e cômodo, fora do presbitério; de modo que os cantores [e músicos] possam desempenhar bem sua função e mais facilmente ter acesso à mesa eucarística”.

O canto do povo é a voz principal no diálogo da esposa Igreja com seu esposo e Senhor. E os músicos devem usar instrumentos, efeitos sonoros e silêncios para destacar este diálogo que acontece na Liturgia: o Senhor nos fala na Palavra proclamada, nós respondemos nas orações e, principalmente, nos salmos e cantos. Sem perder o foco, que é a participação da assembleia, podem tornar o canto mais suave ou mais vibrante, de acordo com a necessidade do momento ritual, e criar o ambiente, a moldura e a cena para a Palavra de Deus e o Povo de Deus aparecerem como atores principais. Mas cuidado para não atropelar a cena! Assim como numa cena nem todos estão em primeiro plano, os instrumentos não podem estar atuando todos ao mesmo tempo, com o mesmo volume, densidade, divisão rítmica ou timbres. Como no Corpo da Igreja cada membro tem uma função, os músicos e os instrumentos podem dar sua contribuição, mas cada um ouvindo o outro e instrumentistas e coro ouvindo o cantar do povo, em sintonia com o rito para a qual eles estão a serviço. Os timbres de teclado ou guitarra, os ritmos da percussão ou bateria, conforme são mais densos ou mais espaçados, criam sensações auditivas que podem contribuir (ou atrapalhar!) no rito celebrado e o seu volume nunca deve encobrir o canto da assembleia.

Em muitas comunidades, as celebrações são demasiado barulhentas e não conduzem a um mergulho no mistério celebrado. A adequada interpretação instrumental requer dos músicos conhecimento do que é próprio de cada rito. Há momentos que tudo deve ser muito sóbrio, como é ato penitencial ou o cordeiro de Deus; há momentos mais vibrantes, como o Aleluia de aclamação e o canto do Santo... Observe-se, ainda, a acústica da Igreja e, então, a sensibilidade litúrgica e o bom senso ajudarão no discernimento de quais instrumentos se adaptam à realidade própria de cada templo. Mas tudo isso precisa ser pensado, ensaiado, experimentado e avaliado, na preparação em comum com a equipe de celebração.

Em sua comunidade, que instrumentos são utilizados para a animação das celebrações?

Como acontece o diálogo e a interação entre os animadores do canto e a equipe de liturgia e celebração? Como é a relação entre os que exercem os ministérios, os que participam e quem preside?

Como é a participação dos músicos e cantores na missão da comunidade? Como a vida da comunidade aparece no serviço de animação litúrgica dos cantores e músicos?

A ação dos ministros da música e do canto ajuda a assembleia a entrar no Mistério celebrado? Os ministros e ministras agem à maneira de Jesus?

Em sua comunidade e/ou diocese, existem iniciativas de formação litúrgica para os músicos?